

**PATRICIA
CORNWELL**

CORPO DE DELITO

Tradução
CELSO NOGUEIRA

9 7 8 5 1 0 9 7 8

Copyright © 1991 by Patricia Cornwell

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Body of Evidence

CAPA Milena Galli

FOTO DE CAPA Mari Juliano

PREPARAÇÃO Ricardo Jensen de Oliveira

REVISÃO Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cornwell, Patricia

Corpo de delito / Patricia Cornwell ; tradução Celso Nogueira. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: Body of Evidence.

ISBN 978-85-65530-20-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

12-14871

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Depois de colocar as cartas de Key West de volta em seu envelope pardo, apanhei um pacote de luvas cirúrgicas, guardei-as na maleta preta, e tomei o elevador para descer um andar, até o necrotério.

O piso frio do corredor fora esfregado, estava úmido; a sala de autópsia trancada, inativa no momento. Na diagonal do elevador encontrava-se a geladeira de aço inoxidável, e, ao abrir a porta maciça, fui recebida pelo sopro gelado de ar nauseabundo, tão familiar. Localizei o cadáver sem me preocupar com a etiqueta de identificação. Reconheci o pé miúdo que saía para fora do lençol branco. Já conhecia cada centímetro do corpo de Beryl Madison.

Olhos azuis embaçados me contemplavam inertes, pelas pálpebras entreabertas. O rosto frouxo exibia cortes pálidos, em sua maioria no lado esquerdo. No pescoço, aberto até a espinha, viam-se os músculos rompidos que antes o sustentavam. Próximos uns aos outros, do lado esquerdo do peito, contei nove ferimentos a faca, furos similares a botões vermelhos, quase perfeitamente verticais. Facadas desferidas em rápida sequência, uma após a outra, com tamanha violência que o cabo deixara marcas na pele. Os cortes no antebraço mediam entre um e doze centímetros de comprimento. Contando as duas facadas nas costas, e excluindo as perfurações no peito e a garganta aberta, cheguei a um total de vinte e sete cortes, todos eles infligidos quando a moça tentava desviar de uma lâmina larga, afiada.

Não precisaria de fotografias ou diagramas do corpo. Ao fechar os olhos, eu via o rosto de Beryl Madison. Recordava em detalhe a revoltante violência cometida contra seu corpo. O pulmão esquerdo fora perfurado quatro vezes. As artérias carótidas, praticamente seccionadas. Aorta, artéria pulmonar e pericárdio foram atingidos. Ela já estava morta, para todos os efeitos, quando o maníaco praticamente a decapitou.

Eu procurava algum sentido naquilo. Alguém a ameaçara de morte. Ela fugira para Key West, aterrorizada até a alma. Não queria morrer. Na noite de seu retorno a Richmond, fora assassinada.

Por que permitiu que ele entrasse em sua casa? Meu Deus, por quê?

Repondo o lençol, empurrei o corpo para o fundo da geladeira, junto com os outros cadáveres. No dia seguinte, àquela hora, ela já teria sido cremada, e as cinzas, enviadas para a Califórnia. Beryl Madison faria trinta e quatro anos no mês seguinte. Não tinha ninguém no mundo, nenhum parente vivo, ao que constava. Exceto uma meia-irmã em Fresno. A porta pesada se fechou.

O asfalto do estacionamento, nos fundos do escritório do médico-legista titular, estava quente, reconfortante sob meus pés, e sentia o cheiro dos dormentes creosotados da ferrovia vizinha, sob o sol forte atípico. Estávamos no final de outubro, no dia das bruxas.

A porta dupla estava escancarada, um de meus assistentes do necrotério molhava o concreto com uma mangueira. Brincalhão, ele desviou o jato em minha direção, o suficiente para que algumas gotas respingassem na canela.

“Ei, doutora Scarpetta, vai matar o serviço hoje?”, gritou.

Passava um pouco das quatro. Eu raramente saía antes das seis.

“Quer uma carona para algum lugar?”, acrescentou.

“Muito obrigada, já tenho transporte”, respondi.

Nasci em Miami. Conhecia a região onde Beryl se escondera durante o verão. Quando fechei os olhos, vi as cores intensas de Key West. Verde, azul, crepúsculos magníficos, só Deus mesmo para produzi-los. Beryl Madison não deveria ter voltado para casa nunca.

Um LTD Crown Victoria zero-quilômetro, reluzente como se fosse de vidro preto, entrou lentamente no estacionamento. Esperava o Plymouth capenga de sempre, e levei um susto quando o vidro da janela do Ford novinho deslizou, zumbindo. “Está esperando o ônibus, por acaso?” O espelho escuro refletia minha expressão de surpresa. O tenente Pete Marino tentou um ar *blasé*, quando a porta se abriu com um estalo eletrônico.

“Estou impressionada”, falei, examinando o interior luxuoso.

“Fui promovido.” Ele acelerou um pouco. “Que tal?”

Depois de aturar calhambeques por muitos anos, Marino finalmente conseguira um carrão.

Notei o orifício no painel, quando tirei um cigarro. “Andou usando a lâmpada de leitura, ou apenas o barbeador elétrico?”

“Dei azar”, queixou-se. “Um malandro roubou o acendedor. No lava-rápido, sabe? Logo no primeiro dia em que saí com o carro, dá para acreditar? Fiquei furioso porque a máquina entortou minha antena; dei uma bronca no encarregado...”

Às vezes, Marino agia como minha mãe.

“... e nem percebi que haviam roubado o acendedor, droga.” Ele parou, enfiando a mão no bolso, enquanto eu revirava a bolsa, atrás de uma caixa de fósforos.

“Doutora, você não disse que ia parar de fumar?”, perguntou, irônico, ao passar o isqueiro Bic.

“E vou mesmo”, resmunguei. “Amanhã.”

Na noite da morte de Beryl Madison eu havia saído para ver uma ópera pomposa, e depois beber num pub inglês que extrapolava nos preços. Meu par, um juiz aposentado, foi perdendo a pompa conforme exagerava na bebida. Não levei o pager. Incapaz de me localizar, a polícia convocara Fielding, meu principal assistente, a comparecer à cena do crime. Aquela seria minha primeira visita à casa da escritora assassinada.

Windsor Farms não era bem o tipo de bairro em que se poderia esperar que ocorresse um crime tão hediondo. Casas grandes, distantes da rua, exibiam gramados impecáveis. Em sua maioria, contavam com alarme contra ladrões e ar-condicionado, o que eliminava a necessidade de deixar a janela aberta. O dinheiro não comprava a eternidade, mas garantia um certo nível de segurança. Não me recordava de um caso anterior de homicídio em Farms.

“A moça tinha bastante dinheiro, obviamente”, comentei, quando Marino parou num cruzamento.

Uma senhora de cabelos brancos conduzia um cão maltês pela coleira, e olhou para nós quando o cachorro cheirou um tufo de grama, preparando-se para o inevitável.

“Um monte de pelos inútil”, ele disse, encarando desdenhosamente a senhora e seu cachorro, que retomavam o passeio. “Odeio esses bichos. Latem até dizer chega, mijam em qualquer lugar. Se é para ter cachorro, que seja bravo, pelo menos.”

“Muitas pessoas só desejam companhia”, falei.

“É.” Ele fez uma pausa, e retomou o tema anterior. “Beryl Madison tinha dinheiro, nasceu em berço de ouro. Pelo jeito, torrou boa parte das economias lá em Queer West. Ainda não terminamos o levantamento da papelada que ela deixou.”

“Mas ela gastou tudo?”

“Pelo jeito, não”, ele respondeu. “Descobrimos que ganhava bem, como escritora — era um sucesso. Usava vários pseudônimos. Adair Wilds, Emily Stratton, Edith Montague.” Os reflexos escuros se viraram para mim, novamente.

Nenhum dos nomes soava familiar, exceto Stratton. “Seu nome do meio era Stratton”, lembrei.

“Daí o apelido, Straw.”

“Isso e o cabelo loiro”,* completei.

Beryl tinha cabelo loiro, cor de mel, com reflexos dourados sob o sol. Miúda, seus traços eram bem delicados, refinados. Em vida, devia chamar atenção. Difícil dizer. Eu só conhecia uma única foto dela, viva. A da carteira de motorista.

“Quando falei com a meia-irmã”, Marino explicou, “descobri que os amigos chamavam Beryl de Straw. O destinatário de suas cartas de Keys conhecia o apelido, tenho a impressão.” Ele ajustou o para-sol. “Não consigo imaginar um motivo para que ela tenha xerocado as cartas. Puxa vida, conhece alguém que tire cópias da correspondência pessoal que envia?”

“Você acaba de mostrar que a moça tinha mania de registrar tudo”, comentei.

“Isso mesmo. O que me intriga. Suponha que o maluco a tenha ameaçado por vários meses. Como agia? O que dizia? Não sabemos, pois ela não gravou os telefonemas, nem escreveu a respeito. A moça tira có-

* Em inglês, *straw* significa palha. (N. T.)

pias das cartas pessoais, mas não anota nada quando um sujeito ameaça matá-la. Não faz sentido, creio.”

“Nem todo mundo pensa como nós.”

“Bem, tem gente que nem *pensa*, quando se vê no meio de uma confusão, e não quer que ninguém saiba do que se trata”, ele retrucou.

Embicando no acesso, ele estacionou em frente à porta da garagem. O mato crescera muito, salpicado de hastes longas de dentes-de-leão, que balançavam com a brisa. Um aviso de VENDE-SE havia sido colocado em cima da caixa de correio. A fita amarela, lacrando a porta da frente, ainda indicava que ali ocorrera um crime.

“O carro dela está na garagem”, Marino disse, ao descer. “Um Honda Accord EX preto, novinho. Alguns detalhes do carro podem ser interessantes para você.”

Paramos no acesso, olhando em volta. Os raios oblíquos do sol aqueciam meus ombros e minha nuca. No ar frio do outono, apenas o zumbido dos insetos rompia o silêncio. Respirei fundo, lentamente. Senti-me, de repente, muito cansada.

A casa, em estilo moderno, exibia linhas retas de uma simplicidade rigorosa. Janelas grandes ocupando toda a fachada, deques de tábua no piso inferior que lembravam um convés de navio. Construída em pedra e madeira escura, era o projeto típico para agradar a um casal jovem de posses: cômodos amplos, pé-direito alto, muito dinheiro gasto em espaços inúteis. A viela, Windham Drive, terminava logo em seguida. Por isso ninguém viu nem ouviu nada, só quando já era tarde demais. Carvalhos e pinheiros cercavam a casa, pelos lados, isolando a residência de Beryl dos vizinhos. Nos fundos, o declive acentuado de um barranco pontilhado de pedras grandes e arbustos terminava numa área de mata, que se estendia até onde a vista alcançava.

“Puxa vida. Aposto que ali tem até cervo”, Marino disse, olhando para a floresta. “Impressionante, né? A gente olha pela janela, num lugar desses, e acha que é o dono do mundo. Já imaginou que lindo, quando neva? Eu adoraria morar num lugar assim. Acender a lareira no inverno, pegar um gole de conhaque e olhar a paisagem pela janela. Ser rico deve ser ótimo.”

“Principalmente quando a pessoa está viva para aproveitar.”

“De fato”, ele disse.

As folhas secas estalaram sob nossos pés, quando nos aproximamos da casa pela face oeste. A porta da frente, ao nível do deque, possuía visor tipo olho mágico, que me fitava vazio. Marino jogou fora o cigarro, que descreveu um arco sobre a grama, e enfiou a mão no bolso da calça azul-clara. O paletó desabotoado exibia a barriga imensa, caída sobre o cinto, e a camisa aberta no peito enrugava-se em torno do coldre.

Preso a uma etiqueta amarela, pois era uma das provas recolhidas, a chave para a fechadura de segurança surgiu em suas mãos. Espantei-me com o tamanho delas. Bronzeadas, rijas, mais pareciam luvas de beisebol. Jamais poderia ser dentista, ou músico. Cinquentão, com cabelo grisalho ralo e rosto gasto como seus ternos, seu porte ainda impressionava as pessoas. Policiais corpulentos como ele raramente se envolvem em brigas. Os marginais olham, pensam duas vezes e metem o rabo entre as pernas.

Paramos no retângulo de luz do vestíbulo, para calçar as luvas. A casa cheirava a mofo e poeira, como costuma ocorrer com residências fechadas por muito tempo. Embora a unidade de identificação do departamento de polícia de Richmond tivesse examinado detalhadamente a cena do crime, nada estava fora de lugar. Marino garantiu que o local estaria com a mesma aparência de dois dias atrás, quando descobriram o corpo de Beryl.

“Como pode ver”, sua voz ecoou, “ela permitiu a entrada do elemento, com certeza. Nenhum sinal de arrombamento; o alarme contra ladrões é de primeira, e não disparou no momento da entrada do sujeito.” Apontando para o painel ao lado da porta, acrescentou: “Agora está desativado. Mas funcionava perfeitamente, quando chegamos. Fazia um barulho dos diabos, aliás foi por isso que a encontramos”.

Ele explicou, em seguida, que o homicídio fora descoberto em consequência de um chamado por causa do alarme. Pouco depois das onze da noite, um dos vizinhos de Beryl ligou para a polícia, avisando que o alarme já estava tocando havia meia hora. Uma viatura que se encontrava nas proximidades compareceu ao local, e o policial encontrou a porta aberta. Em poucos minutos pedia apoio pelo rádio, aos berros.

Encontramos a sala de estar destruída, a mesa de centro tombada.

Revistas, um cinzeiro de cristal, algumas tigelas art déco e um vaso de flores se espalhavam sobre o tapete oriental. Uma poltrona azul-clara de couro estava de cabeça para baixo. A seu lado, uma almofada do sofá, da mesma cor. Na parede branca do fundo, à esquerda da porta que levava ao corredor, havia manchas escuras de sangue seco.

“O alarme possui retardador de tempo?”, perguntei.

“Claro. Quando se abre a porta, ele zumba durante quinze segundos, permitindo que a pessoa tecele o código antes que dispare a sirene.”

“Então ela deve ter aberto a porta, desativado o alarme, deixado que a pessoa entrasse e depois ativado novamente o sistema, enquanto o visitante ainda estava dentro da casa. Caso contrário, não teria disparado depois, quando ele saiu. Interessante.”

“Claro”, Marino disse, “interessante pra cacete.”

Paramos na sala de estar, ao lado da mesa de café tombada, fosca de pó para digitais. No chão havia revistas de circulação nacional e publicações sobre literatura, tudo datado de vários meses.

“Encontrou jornais ou revistas recentes?”, perguntei. “Se ela comprou um jornal local, isso pode ser importante. Vale a pena checar qualquer atitude posterior ao desembarque.”

Percebi que seus músculos faciais se contraíam. Marino odiava quando imaginava que eu pretendia ensiná-lo a fazer seu trabalho.

Ele disse: “Encontramos alguns, lá em cima, no quarto de dormir, junto com a mala e a pasta. Um *Herald*, de Miami, e o *Keynoter*, que traz basicamente anúncios de imóveis em Keys. Acha que ela pensava em se mudar para lá? Os dois jornais foram publicados na segunda-feira. Deve tê-los comprado no aeroporto, antes de pegar o avião de volta para Richmond”.

“Gostaria muito de saber o que o corretor de imóveis dela tem a dizer...”

“Nada, o sujeito não tem nada a dizer”, ele interrompeu. “Nem fazia ideia de onde Beryl poderia estar, e só mostrou a casa depois da partida da moça. Para um jovem casal, que a considerou cara demais. Beryl queria trezentos mil pelo imóvel.” Ele olhou em volta, o rosto impassível. “Aposto que dá para conseguir um desconto, agora.”

“Beryl pegou um táxi no aeroporto, na noite em que chegou.” Concentrei a atenção nos detalhes.

Ele puxou um cigarro, com o qual apontou. “Encontramos o recibo ali, no vestíbulo. Naquela mesinha perto da porta. Já interroguei o motorista do táxi; chama-se Woodrow Hunnel. Uma besta quadrada. Disse que esperava passageiros na fila do aeroporto. Ela fez sinal e entrou no carro, por volta das oito. Chovia a cântaros. Deixou-a na porta da casa, cerca de quarenta minutos depois, e ela mesma carregou a mala e a valise. Em seguida, o motorista foi embora. A corrida ficou em vinte e seis dólares, incluindo a gorjeta. Em meia hora o sujeito voltou ao aeroporto, onde pegou outro passageiro.”

“Tem certeza de tudo isso, ou está se fiando no que ele contou, apenas?”

“Certeza absoluta.” Ele bateu o cigarro no nó do dedo e girou o filtro com o polegar e o indicador. “Checamos a história. Hunnel disse a verdade. Não tocou na moça. Não teve tempo para tanto.”

Segui seus olhos até as marcas escuras perto da porta. O sangue provavelmente manchara as roupas do assassino. Dificilmente um motorista de táxi sujo de sangue conseguiria passageiros.

“Ela não passou muito tempo em casa”, falei. “Chegou por volta das nove, e o vizinho deu parte às onze. O alarme tocou por meia hora. Quer dizer que o assassino saiu daqui por volta das dez e meia.”

“É”, ele concordou. “Não consigo entender essa parte da história. A julgar pelas cartas, ela estava se borrando de medo. Voltou para a cidade, trancou-se dentro de casa, chegou a pôr o 38 em cima do balcão, na cozinha — vou lhe mostrar, quando chegarmos lá. Depois, bumba! A campainha tocou? Só sabemos que, em seguida, permitiu a entrada do tarado. Quando o sujeito estava dentro, ela acionou o alarme de novo. Só pode ter sido alguém conhecido.”

“Eu não descartaria um estranho”, falei. “Se fosse um sujeito esperto, ela poderia confiar nele, permitindo que entrasse, por algum motivo.”

“Tarde da noite?” Seus olhos se detiveram em mim, depois de examinar a sala. “Acha que o cara vendia assinaturas de revistas ou chocolate, às dez da noite?”

Não respondi. Não sabia como.

Paramos na porta aberta, que dava para o corredor. “O sangue começou a correr aqui”, Marino disse, olhando para as manchas escuras

na parede. “Ele começou a esfaqueá-la neste local. Calculo que a moça tenha corrido, e o sujeito a perseguiu, golpeando-a com a faca.”

Recordei-me dos cortes no rosto, nas mãos e nos braços de Beryl.

“Meu palpite”, prosseguiu, “é que ele a atingiu no braço esquerdo, nas costas ou no rosto, neste local. O sangue na parede espirrou da lâmina. Ele a cortou uma vez e, quando ergueu a faca novamente, o sangue respingou na parede.”

As manchas elípticas tinham uma largura aproximada de seis milímetros, adquirindo formato alongado na extremidade do arco, à esquerda do batente. Os pingos de sangue descreviam uma curva de pelo menos três metros. O atacante movera o braço com o ímpeto de um jogador de tênis. Senti a intensidade da violência. Não se tratava apenas de raiva. Era algo muito pior. *Por que ela o deixou entrar?*

“Tomando por base a localização desta mancha, creio que o maníaco encontrava-se aqui”, Marino disse, postando-se a alguns metros da porta, ligeiramente à esquerda. “Ergueu o braço para atacar outra vez, e o sangue da lâmina respingou na parede. As marcas, como pode ver, começam neste ponto.” Ele apontou para as manchas mais altas, quase no nível da sua cabeça. “Em seguida descem, parando a menos de meio metro do piso.” Seus olhos desafiadores fixaram-se em mim. “Você a examinou. O que acha? Destro ou canhoto?”

Os policiais sempre desejam descobrir isso. Não adianta explicar mil vezes que não se pode saber com certeza. Eles sempre perguntam.

“Impossível dizer, com base apenas nas manchas de sangue”, falei, sentindo a boca seca, com gosto de poeira. “Depende inteiramente da posição dele, em relação à vítima. As facadas no peito entraram num ângulo ligeiramente inclinado, da esquerda para a direita. Pode ser canhoto. Mas, novamente, isso depende da posição em relação à vítima.”

“Só acho curioso que a maioria dos ferimentos provocados durante as tentativas de defesa se localizem no lado esquerdo do corpo. Ela saiu correndo, certo? Ele a atacou pela esquerda, e não pela direita. Suspeito que seja canhoto.”

“Isso depende das respectivas posições do atacante e da vítima”, insisti, impaciente.

“Óbvio”, ele resmungou. “Tudo depende de alguma coisa.”

O assoalho do corredor era de madeira. As marcas de giz indicavam os pingos de sangue no chão, até a beira da escada, a uns três metros à esquerda. Beryl fugira por ali, na direção da escada. O choque e o terror sobrepujaram a dor. Na parede à esquerda, a cada passo, ou quase, vi borrões ensanguentados de seus dedos cortados. Na fuga, ela tentava se apoiar e equilibrar.

As manchas escuras se distribuíam pelo chão, pelas paredes, chegavam a sujar o teto. Beryl correrá até o fim do corredor, no andar de cima, onde ficou acuada, por um momento. Naquele trecho havia muito sangue. A caçada prosseguiu, quando a moça, aparentemente, conseguiu entrar em seu quarto, onde tentou escapar subindo na cama de casal. Naquele momento ela atirou a mala no atacante. Ou, mais provável, a mala caiu no chão, quando ela subiu na cama. A polícia a encontrou sobre o tapete, aberta, os papéis espalhados. Inclusive as fotocópias das cartas escritas em Key West.

“Localizaram outros papéis aqui?”, perguntei.

“Recibos, alguns guias turísticos, incluindo-se um mapa de ruas”, Marino respondeu. “Posso tirar cópias de tudo, se desejar.”

“Por favor”, falei.

“Achamos também uma pilha de folhas datilografadas, na gaveta.” Ele mostrou o local. “Provavelmente o texto que escreveu em Keys. Muitas notas nas margens, a lápis. Nada de digitais úteis. Algumas, borradas, ou parciais, pertenciam à vítima.”

Na cama só restava o colchão; o acolchoado e os lençóis encontravam-se no laboratório. Ali ela começara a fraquejar, a perder o controle muscular, a enfraquecer. Cambaleara até o corredor, novamente, caindo sobre o tapete oriental, que eu já conhecia pelas fotos do lugar. No piso, vi manchas de sangue e impressões. Beryl se arrastara até o quarto de hóspedes, depois do banheiro, onde morreu, finalmente.

“Quer saber”, Marino dizia, “acho que ele a deixou correr um pouco, para se divertir. Poderia tê-la agarrado e matado lá embaixo, na sala. Mas isso estragaria seu prazer. Aposto que ria o tempo inteiro, excitado com o sangue, os gritos, as súplicas. Ela desmaiou, quando entrou aqui. Acabou a graça. Final da história. Golpes fatais, e pronto.”

O quarto era frio, decorado em amarelo-pálido como o sol no in-

verno. O assoalho de madeira estava escuro, perto da cama. Manchas e estrias escuras também se destacavam na parede clara. Nas fotos do corpo, Beryl aparecia de costas, com as pernas abertas, os braços cobrindo a cabeça, o rosto virado na direção da cortina da janela. Nua. Quando examinei as fotografias, inicialmente, não soube dizer como ela era, nem identificar a cor do cabelo. Vi tudo vermelho. A polícia encontrou uma calça comprida cáqui, ao lado do corpo. A blusa e a roupa íntima haviam desaparecido.

“Aquele motorista de táxi — chamado Hunnel, ou algo assim —, ele se lembrava de como Beryl estava vestida, quando a pegou no aeroporto?”, perguntei.

“Estava escuro”, Marino lembrou. “Ele não tinha certeza. Pelo que se lembra, a moça vestia calça comprida e casaco. Sabemos que usava calça, quando foi atacada; a calça cáqui que encontramos ao lado do corpo. E havia um casaco do conjunto, sobre a cadeira, no quarto dela. Não creio que tenha trocado de roupa ao chegar em casa; tirou o casaco, apenas, e o jogou em cima da cadeira. O resto da roupa — blusa, peças íntimas — foi levado pelo assassino.”

“Como souvenir”, pensei em voz alta.

Marino examinava o assoalho manchado, onde o corpo caíra.

Ele disse: “Calculo que o sujeito a derrubou, tirou-lhe a roupa e a estuprou, ou tentou. Depois a esfaqueou e quase a decapitou. Uma pena, o resultado negativo dos exames”. Ele se referia aos testes para indicar presença de esperma. “Podemos esquecer a identificação pelo DNA.”

“A não ser que haja sangue dele nas amostras recolhidas”, lembrei. “Caso contrário, nada de DNA.”

“E nem um fio de cabelo”, ele disse.

“Nenhum diferente do cabelo dela, pelo menos.”

O silêncio absoluto na casa tornava nossas vozes irritantes, altas. Para qualquer lado que eu olhasse, via as manchas medonhas. As imagens passaram em minha mente: facadas, marcas do cabo, o corte terrível no pescoço, como uma boca vermelha escancarada. A poeira dificultava minha respiração. Sentia falta de ar.

Pedi: “Mostre onde estava a arma”.

Quando a polícia chegou à cena do crime, naquela noite, encontra-

ram o 38 automático de Beryl sobre o balcão da cozinha, perto do forno de micro-ondas. A arma estava carregada, com a trava de segurança. Os fragmentos de digitais analisados pelo laboratório pertenciam a ela.

“Guardava a caixa de balas na gaveta da mesa, ao lado da cama”, Marino disse. “Provavelmente mantinha o revólver lá, também. Imagino que tenha levado as malas para o andar de cima, para abri-las e tirar a roupa suja, que colocou no cesto do banheiro. Depois guardou as malas no armário do quarto. A certa altura, no meio disso tudo, apanhou a arma. Mostra, sem dúvida, que estava com os nervos à flor da pele. Quer apostar que ela examinou todos os cômodos, antes de se acalmar um pouco?”

“Eu teria agido assim”, comentei.

Ele olhou em torno. “Talvez tenha vindo até a cozinha para comer um lanche.”

“Talvez tenha pensado em comer, mas não o fez”, retruquei. “O conteúdo do estômago era de cinquenta mililitros de fluido marrom escuro. Cerca de cinquenta gramas de material completamente digerido antes de sua morte. Ou, melhor dizendo, do momento do ataque. A digestão para nos momentos de angústia ou medo intenso. Se ela tivesse acabado de lanchar, quando o assassino a pegou, o alimento ainda estaria no estômago.”

“Não tem quase nada para comer aqui”, ele disse, como se isso fosse importante, ao abrir a geladeira.

Encontramos lá um limão murcho, dois pacotes de manteiga, um queijo Havarti embolorado, temperos e uma garrafa de água tônica. O freezer estava um pouco mais bem servido. Só um pouco. Alguns peitos de frango, pratos congelados prontos Le Menu, carne moída. Beryl, pelo jeito, não sentia prazer em cozinhar, fazia isso por necessidade prática. Lembrei-me de minha cozinha. Aquela era melancolicamente estéril. A poeira flutuava nos raios de luz que passavam pela persiana cinza que protegia a janela em cima da pia. O ralo e a pia estavam secos, vazios. Os eletrodomésticos, modernos, pareciam novos.

“A outra possibilidade é que tenha descido para tomar um drinque”, Marino especulou.

“O teste STAT, para álcool, deu negativo”, falei.

“Mas ela pode ter pensado nisso.”

Ele abriu a porta do armário que havia em cima da pia. Não se via um milímetro de espaço vazio, nas prateleiras: Jack Daniel's, Chivas Regal, Tanqueray, licores e uma garrafa que atraiu a minha atenção. Na prateleira superior, na frente do conhaque, vi um litro de rum haitiano Barbancourt quinze anos, caro como scotch puro malte.

Removendo a garrafa com a mão protegida pela luva, coloquei-a sobre a bancada da pia. Não havia selo, mas o lacre que protegia a tampa estava intacto.

“Duvido que tenha comprado esta bebida por aqui”, alertei Marino. “Aposto que trouxe de Miami, ou Key West.”

“Acha que ela comprou o rum na Flórida?”

“É possível. Sem dúvida, ela conhecia bebidas. Barbancourt é um colosso.”

“Não sabia que você era doutora em rum”, ele disse.

A garrafa de Barbancourt não estava empoeirada, ao contrário das outras, na mesma fileira.

“Isso pode explicar sua descida à cozinha”, prossegui. “Talvez tenha vindo guardar o rum. Talvez estivesse pensando em tomar um pouco antes de dormir, quando alguém bateu à porta.”

“Sim, mas isso não explica por que deixou a arma no balcão, quando foi ver quem era. Deduzimos que ela estava apavorada, certo? Ainda penso que esperava a visita de alguém, que conhecia o tarado. Bem, havia muita bebida fina, aqui. Acha que a moça tomava tudo sozinha? Não faz sentido. Dá a impressão de que recebia alguém, de vez em quando, provavelmente um homem. Droga, poderia ser o tal de ‘M’, para quem escrevia quando estava em Keys. Talvez esperasse por ele, na noite em que a mataram.”

“Está querendo dizer que ‘M’ pode ser o assassino?”, falei.

“O que você pensa?”

Ele começava a me provocar, e o modo como manipulava o cigarro apagado me dava nos nervos.

“Admito qualquer possibilidade”, respondi. “Por exemplo, também poderia dizer que ela *não* esperava ninguém. Estava na cozinha, guardando o rum, possivelmente pensando em experimentá-lo. Nervosa, man-

tinha a arma ao alcance da mão, sobre o balcão. Assustou-se quando alguém tocou a campainha, ou bateu à porta...”

“Certo”, ele interrompeu, “estava nervosa, assustada. Então por que diabos deixou o revólver na cozinha, quando foi até a porta?”

“Ela treinava?”

“Treinava?”, repetiu, quando nossos olhares se cruzaram. “Treinava o quê?”

“Tiro, oras.”

“Puxa... sei lá...”

“Caso não tivesse treinamento específico, portar uma arma não seria reflexo natural, e sim uma decisão consciente. As mulheres carregam spray de pimenta na bolsa. São atacadas, e só se lembram do spray depois da ocorrência, pois defender-se não é um reflexo.”

“Não sei...”

Eu sabia. Usava um Ruger 38 carregado com Silvertips, a munição mais cara e destrutiva existente no mercado. Só pensaria em andar armada depois de treinar muito. Frequentei o estande de tiro do departamento por vários meses. Quando estava sozinha em casa, eu me sentia mais segura com a arma do que sem ela.

Além disso, na sala, ao lado da lareira, há ferros para cuidar do fogo, num suporte de latão. Beryl lutou contra o atacante, ali mesmo, e nem pensou em se armar com um atizador. Defender-se não era um reflexo, em seu caso. Só sabia fugir, subir escada acima, ou se esconder em Key West.

Tentei explicar. “Creio que ela não estava acostumada com armas de fogo. A campainha tocou. Sentiu medo, atrapalhou-se. Foi para a sala, espiou pelo olho mágico. Confiava na pessoa que batia, quem quer que fosse. Permitiu sua entrada. Esqueceu-se da arma.”

“Ou então esperava uma visita”, ele insistiu.

“É bem possível. Alguém que sabia que ela estava de volta.”

“Talvez *ele* soubesse”, falou.

“E talvez fosse ‘M’.” Falei o que ele queria escutar, enquanto guardava a garrafa de rum no armário.

“Certo. Faz mais sentido assim, não acha?”

Fechei a porta do armário. “Ela passou meses apavorada com as

ameaças, Marino. Difícil acreditar que fosse um amigo íntimo, e que Beryl não desconfiaria de nada.”

Ele se irritou, consultou o relógio e tirou outra chave do bolso. Não fazia o menor sentido que Beryl abrisse a porta para um desconhecido. E menos ainda que uma pessoa em quem confiasse a atacasse daquele jeito. *Por que ela o deixou entrar?* A questão me atormentava.

Um caminho coberto ligava a casa à garagem. O sol desaparecera atrás das árvores.

“Quero mostrar uma coisa”, Marino disse, destrancando a porta. “Só entrei aqui pouco antes de telefonar para você. Poderia ter arrombado a garagem na noite do crime, mas não vi razão para isso.” Ele deu de ombros largos, como a garantir que realmente poderia derrubar uma porta, árvore ou contêiner de lixo, se o desejasse. “Ela não entrou aqui desde sua viagem à Flórida. Levamos um tempo até encontrar a maldita chave.”

Era a primeira garagem revestida de madeira que eu via na vida, com piso de cerâmica italiana vermelha, caríssima.

“Isso tudo foi feito para servir de garagem?”, perguntei.

“Tem porta de garagem, certo?” Ele tirou outras chaves do bolso. “Um luxo, só para manter o carro abrigado da chuva, não acha?”

A garagem estava abafada, cheirando a mofo, porém arrumada. Exceto pela pá e pela vassoura no canto, não vi sinais das ferramentas de costume, do cortador de grama e outros trastes que costumam ser guardados numa garagem. O local mais parecia uma loja de automóveis, com o Honda preto estacionado no meio do piso de cerâmica. O carro, de tão limpo e reluzente, passaria por novo, saído da loja.

Marino destrancou a porta do motorista e a abriu.

“Pronto. Fique à vontade”, disse.

Por um momento, permaneci sentada no banco de couro marfim, olhando pelo para-brisa, para a parede revestida de madeira.

Afastando-se um pouco do carro, ele acrescentou: “Fique sentada, tá? Sinta o clima, examine o interior do carro, diga o que lhe vier à cabeça”.

“Quer que eu dê a partida?”

Ele me passou a chave.

“Por favor, abra a porta da garagem. Caso contrário, morreremos asfixiados.”

Franzindo a testa ao olhar em volta, ele localizou o interruptor e acionou o portão automático.

O carro pegou na hora. O motor ronronou gutural, uniforme. O rádio e o ar-condicionado estavam ligados. O marcador de gasolina indicava um quarto de tanque; o hodômetro, menos de dez mil quilômetros rodados. O teto solar encontrava-se parcialmente aberto. No painel encontrei um tíquete de lavagem a seco, datado de 27 de julho, quinta-feira. Beryl levava uma saia e um casaco para a lavanderia e obviamente não retornara para buscá-los. No banco do passageiro havia uma nota fiscal da mercearia, datada de doze de julho, às dez e quarenta da manhã, quando adquirira um pé de alface, tomate, pepino, carne moída, queijo, suco de laranja e balas de hortelã, por nove dólares e treze centavos, pagando com uma nota de dez.

Ao lado da nota encontrei um envelope do banco, fino e comprido, branco, vazio. Junto com ele, uma caixa marrom para óculos Ray-ban, também vazia.

No banco de trás havia uma raquete de tênis Wimbledon e uma toalha branca embolada, que apanhei estendendo o braço. Em letras azuis bordadas li: WESTWOOD RACQUET CLUB, o mesmo nome impresso na mala vermelha de vinil que encontramos no guarda-roupa de Beryl.

Marino deixou a surpresa para o final. Deduzi que já examinara todos aqueles objetos, e pretendia que eu os visse *in situ*. Não constituíam provas de nada. O assassino não entrara na garagem, em momento algum. Ele me provocava desde que chegamos na casa. Um hábito seu que me deixava furiosa.

Desliguei o motor e desci do carro. A porta se fechou com um baque abafado, pesado.

Ele me encarou, enigmático.

“Tenho algumas perguntas”, falei.

“Pode mandar.”

“Westwood é um clube fechado? Ela era sócia?”

Aquiesceu.

“Verificou quando reservou quadra pela última vez?”

“Sexta-feira, doze de julho, às nove da manhã. Tinha aula marcada. Fazia uma aula por semana, e quase não jogava.”

“Pelo que me recordo, ela saiu de Richmond no sábado, treze de julho, pela manhã, chegando a Miami pouco depois do meio-dia.”

Ele fez que sim, novamente.

“Portanto, ela teve aula e seguiu direto para a mercearia. Em seguida, deve ter ido ao banco. Seja como for, a certa altura, depois das compras, resolveu fugir da cidade. Se soubesse que ia viajar no dia seguinte, não teria ido às compras. Não teve tempo de comer todas as coisas que comprou, e não deixou a comida na geladeira. Ao que parece, jogou tudo fora, exceto a carne moída e o queijo, e provavelmente as balas de hortelã.”

“Parece razoável”, ele disse, imperturbável.

“E largou a caixa de óculos e as outras coisas em cima do assento do carro”, prosseguiu. “Além disso, deixou o ar-condicionado e o rádio ligados, o teto solar parcialmente aberto. Dá a impressão de que entrou na garagem, desligou o motor e correu para dentro de casa, usando os óculos escuros. Imagino que tenha acontecido alguma coisa, quando ela estava na rua, voltando da aula de tênis e das compras...”

“Claro. Sem dúvida alguma, aconteceu mesmo. Dê uma volta, olhe do outro lado — especificamente, na porta do passageiro.”

Olhei.

O que vi desorganizou meus pensamentos, que se espalharam como bolas de gude. Na pintura nova, reluzente, abaixo da maçaneta, alguém riscara um coração, com o nome *BERYL* no centro.

“Chega a dar arrepio, não é?”, ele disse.

“Se o sujeito fez isso enquanto o carro estava estacionado no clube, ou na mercearia”, raciocinei, “alguém pode tê-lo visto.”

“Claro. Portanto, deve ter riscado o carro antes.” Ele parou, examinando distraidamente o coração. “Quando foi que você olhou para a porta do passageiro de seu carro pela última vez?”

“Há dias. Ou uma semana.”

“Ela foi até a mercearia.” Só então ele acendeu o maldito cigarro. “Não comprou muita coisa.” Tragou fundo, com vontade. “E provavelmente as compras couberam dentro de uma única sacola, certo? Quando minha esposa está com uma ou duas sacolas, apenas, costuma colocá-las na frente, sobre o tapete ou no banco. Talvez Beryl tenha dado a volta

pelo lado do passageiro, para guardar as compras no carro. Então viu o risco na pintura. Talvez soubesse que o sujeito havia feito o desenho naquele dia. Talvez não. Pouco importa. Bastou para aterrorizá-la, deixá-la com os nervos à flor da pele. Voltou para casa, passando, quem sabe, no banco, para tirar dinheiro. E pegou o primeiro avião que saiu de Richmond, seguindo para a Flórida.”

Segui-o para fora da garagem, até seu carro. A noite descia depressa, esfriando o ar. Ele ligou o motor, enquanto eu olhava fixamente para a janela lateral da casa de Beryl. Seus ângulos se perdiam nas sombras, e os vidros estavam escuros. As luzes da varanda e da sala de estar piscaram, de repente.

“Minha nossa”, Marino murmurou. “Como pode?”

“Um *timer*”, falei.

“Puxa vida.”